



Na grande mesa de 12 lugares da residência oficial da Presidência do Senado, o senador Ramez Tebet hoje ocupa a cabeceira

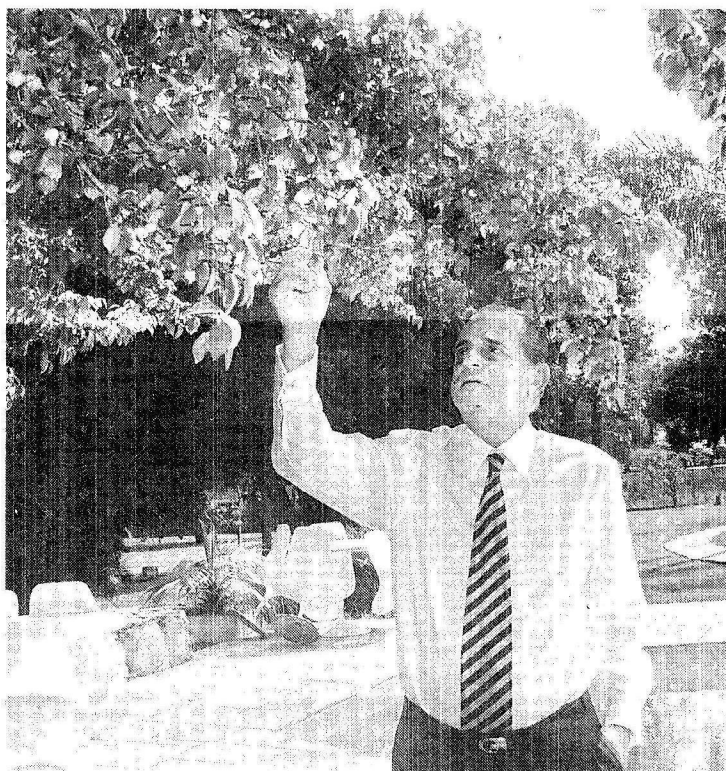
# De braços dados com o poder

*Tebet ocupa casa da presidência do Senado e promete exercer influência do cargo*

BRASÍLIA – O novo presidente do Senado, Ramez Tebet, já começou a ocupar os espaços que o cargo lhe reserva. Semana passada, o senador de Mato Grosso do Sul mudou-se para a residência oficial, à beira do Lago Paranoá. A casa, com 960 metros quadrados de área construída, ficou vazia durante os meses em que Jader Barbalho dirigiu o Congresso. Foi aberta raras vezes, sempre para encontros políticos. De preferência, jantares envolvendo a cúpula do PMDB. Convidado freqüente, Tebet ocupava um dos assentos laterais da grande mesa, de 12 lugares. Agora, assumiu a cabeceira.

Aos 65 anos, o senador ainda está se habituando à nova vida. Não terminou de levar seus objetos pessoais para o quarto principal da mansão. Deu prioridade à coleção de CDs, que junta na mesma prateleira Elimar Santos e o Coral do Senado. Coordenou pessoalmente a arrumação do guarda-roupas. Separou por cores os mais de 30 ternos e as camisas, com suas iniciais bordadas.

**Quibes** – Quem comanda a mudança é a mulher do senador, Dona Fairte. Os dois estão casados há 32 anos e ela promete cumprir à risca o papel de primeira-dama. Quer promover chás beneficentes com as mulheres dos senadores e está disposta a ajudar o marido a aperfeiçoar o inglês. “Vai precisar, para receber autoridades estrangeiras”, pondera Fairte. Descendente de libaneses, como o marido, ela já surpreendeu o presidente Fernando Henrique. Durante uma viagem oficial, de Campo Grande a



Ramez Tebet mostra a piscina e as árvores da mansão do Lago

Brasília, Tebet dividiu com o presidente uma quentinha que trouxe de casa. Dentro, quibes e esfihas, preparados por Fairte. FH elogiou os quitutes.

Ramez Tebet esteve longe de ser o primeiro nome para a sucessão de Jader. Surgiu como solução de última hora, diante do desgaste dos outros pretendentes. De longe, viu serem fulminadas, uma a uma, as candidaturas de José Sarney, Renan Calheiros, José Fogaça e José Alencar. Lançado na véspera da eleição, tornou-se candidato único.

Aparecer pouco sempre foi uma das marcas de Tebet. Ele não gosta de comprar brigas e fala bai-

xo, mesmo nas reuniões políticas. A outra característica de sua carreira política é a sorte. Nos últimos meses, enquanto os grandes nomes do Congresso, como Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho, despencavam, Tebet crescia. Ele foi o grande beneficiado pelo tiroteio entre os líderes do PFL e PMDB.

**CPI** – Primeiro, foi a nomeação para presidir a CPI do Judiciário. Tebet foi indicado por Jader para ser uma sombra do relator da comissão, o senador Paulo Souto, aliado de ACM. Bem-sucedido, ganhou um prêmio um tanto incômodo. Foi escolhido para a presidência do Conselho de Ética do

Senado – até então um órgão quase decorativo.

Na gestão de Tebet, os casos se sucederam. O primeiro foi Luiz Estevão, cassado em consequência do envolvimento com a obra superfaturada do Fórum Trabalhista de São Paulo. Depois, ACM e o líder do governo, José Roberto Arruda, flagrados pela violação do painel eletrônico do Senado. Os dois renunciaram para evitar a cassação. Em todos os processos Ramez Tebet estava lá, no centro da mesa, em frente às câmeras. Era menos procurado para entrevistas que os parlamentares de discurso mais veemente, mas foi aos poucos deixando o anonimato.

Tornou-se o coringa da ala governista do PMDB, chamado para ocupar cargos importantes depois que os outros nomes estavam desgastados. Assim foi nomeado ministro da Integração Nacional e assim também ganhou a presidência do Senado. Assumiu sob críticas. Candidato único, obteve 41 dos 81 votos possíveis. Seu discurso de posse foi criticado pelo tom ufanista. “Esta é uma pátria maravilhosa, que não tem vulcões nem terremotos”, comemorou. Na primeira sessão do Congresso que presidiu, ouviu vaias e xingamentos de deputados da oposição. Hoje, avalia que sobreviveu ao pior momento.

Assim como sobreviveu a Luiz Estevão, ACM, Arruda e Jader Barbalho. Ganhou apoio dos grandes partidos e já avisou: mesmo eleito em meio à crise, quer exercer todo o poder e a influência que a presidência do Senado garante ao seu titular.